

A devastação niilista: Feuerbach, Nietzsche e Dostoiévski

Nihilistic devastation: Feuerbach, Nietzsche and Dostoevsky

Wesley de Jesus Barbosa

<https://orcid.org/0000-0001-8766-6670> – E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO

A devastação niilista deve-se a destruição de todos os alicerces tidos como rígidos ao longo da História da Filosofia. Diante dos escombros, a humanidade queda-se, desamparada, no abismo, que se abre em novos abismos, numa descida, que nunca se finda, para um fundo que nunca chega, em direção ao buraco do nada. Abrimos o artigo com antropomorfização de Deus com Feuerbach para em seguida, com Nietzsche, anunciarmos a morte de Deus. Por fim, lançaremos mão de Dostoiévski para contextualizar a discussão sobre o niilismo na Rússia czarista.

Palavras-chave: Deus. Nada. Niilismo. Morte de Deus.

ABSTRACT

The nihilistic devastation is due to the destruction of all the foundations considered rigid throughout the History of Philosophy. Faced with the rubble, humanity falls, helpless, into the abyss, which opens into new abysses, in a descent that never ends, towards a bottom that never reaches, towards the hole of nothingness. We opened the article with the anthropomorphization of God with Feuerbach and then, with Nietzsche, we announced the death of God. Finally, we will use Dostoevsky to contextualize the discussion about nihilism in Tsarist Russia.

Keywords: God. Nothingness. Nihilism. Death of God.

Introdução

A devastação niilista demarca um limite na história da filosofia, em que as premissas, há muito solidificadas, foram destruídas, corroídas, esfareladas. Deus morreu, assim como todos os seus substitutos fálicos. Apesar da perseverança e otimismo do século XIX, é neste mesmo século que o niilismo provocará os abalos mais significativos nas noções de fé, progresso, verdade, cientificismo, racionalismo, metodologia.

Feuerbach ainda tem o seu humanismo antropológico como edifício de seu pensamento. Mas a substituição do Deus como um fora e transcendente, pelo Deus homem, introduz uma nova compreensão, esvaziadora da ideia eclesiástica de Deus, assim como de seu dogmatismo, liturgia e homilia como arautos santificados de um Deus além e aquém de todo resto. Depois de *A Essência do Cristianismo* e do Deus feito homem, ser cristão recebe outras prerrogativas, com as quais não é mais possível uma fé acrítica.

Nietzsche com a sua filosofia do martelo devastou a cidade dos filósofos com duros golpes. Destruindo-a pouco a pouco, não porque a cidade, de fato, fosse bastante segura, mas porque sempre foi frágil. Não se acreditava na sua vulnerabilidade e por longos séculos se trabalhou para esconder os seus dilemas estruturais mais problemáticos. Bastou, portanto, alguns sacolejos para se perceber que a argamassa em que acreditavam estar fincadas as grandes colunas e suas paredes majestosas, era inexistente. Pedra sobre pedra, apenas encaixadas, sem qualquer cola a lhe dar sustentação. A cidade dos filósofos caiu quando descobriu que suas fundas bases perseveravam no substrato envolvidas num imenso nada.

Por fim, Dostoiévski, imerso no caldo de sua cultura novecentista, debateu como ninguém o problema do niilismo. Primeiramente colocado por Turguêniev em *Pais e Filhos*, o niilismo na Rússia teve um significado político, de desmoronamento da tradição e dos fundamentos políticos e morais da monarquia absolutista. No dilema dostoiévskiano dos valores eternos, dos problemas elevados do espírito e do debate social de uma Rússia marcada, ainda, pela servidão, o niilismo emergiu como condição de estruturação de seu romance social. *Os Irmãos Karamázov* e *Os Demônios* como os seus dois maiores exemplos, mas não os únicos.

Feuerbach

O pensamento entra na selva abrindo a mata à golpes de facão. Nada mais além disso, nada de máquinas gigantes para agilizar a entrada, o desbravar do pensamento é lento, abrindo pequenas picadas, que logo se fecham por trás daquele que penetra no fundo das coisas. Mas o fundo do pensamento, como uma razão ordeira na investigação da floresta do existir, por mais que busque olhar todos os vislumbres da vegetação, dos insetos, dos animais, das fontes de água, como a catalogar o mais ínfimo detalhe, ainda é superficial na sua investigação, pois o pensamento que adentra na mata para enumerar os seus sentidos, primeiro volta-se para si como primeiro exercício de seu raciocinar. E ao desbravar a si descobre o movimento, os entrecruzamentos, o pensamento puro, e neste farfalhar dos conceitos encontra Deus como o seu milagre originário. “Somente quando pensas Deus é que pensas, rigorosamente falando; porque somente Deus é a faculdade de pensar realizada, preenchida, esgotada. Somente quando pensas Deus, pensas a razão como ela é na verdade” (FEUERBACH, 2007, p. 66). A razão acontece por si mesma, é portadora de um ritmo, de um encadeamento lógico-semântico, desbravador convicto de si como abertura do pensamento ao pensamento numa circularidade que organiza num sistema o seu devir como dispor-se. O arrebatamento do pensamento na razão é Deus. “A razão não se faz dependente de Deus, mas Deus depende dela” (FEUERBACH, 2007, p. 67). Todas

as coisas servem a razão como motivo de seu funcionamento, mesmo o nada, que não é alguma coisa, é algo para a razão. Porém, esse múltiplo de tudo como motivo para a razão, cada detalhe dele que é destrinchado e manipulado ao sabor do intelecto racional, não pode usar a razão numa contrapartida. O corpo é capaz de resistir ao despotismo da razão, o resto empírico do real submete-se aos arroubos do mecanismo, apesar de não se mostrar todo de uma vez, sempre deixando ao pensamento um vestígio do inacessível para frustrar a sua arrogância. Mesmo o que frustra é pela razão interpretado como tensão determinante de seu próprio despojar-se. A razão como assunção de si mesma é a propulsão criadora de tudo e de si, ela é a verdade, o motivo, o milagre de todo o existir.

Só a razão é o ser que usufrui todas as coisas sem ser por elas usufruída – é o ser que se usufrui, que se basta – o sujeito absoluto – o ser que não pode mais ser rebaixado para objeto de um outro ser, porque transforma em objeto todas as coisas, porque ela mesma não é uma coisa, porque ela é livre de todas as coisas (FEUERBACH, 2007, p. 68).

Se a razão é em si mesma a plenitude, o todo que se satisfaz como medida de todas as coisas, condição primeira do determinar, então há nela alguma coisa de Absoluto, de uma essência como substrato original do existir. Ao homem pouco culto pareceria perturbador perceber-se portador de uma entidade falante, que não deixa escapar nada, como uma peça que não se encaixa no seu modelo sistemático. Por isso, ser mais fácil se livrar dessa assustadora autonomia do pensamento, como uma consciência capaz de assentar os pés, bem seguramente no chão, atribuindo a um outro imaginário, isto que somos. As mitologias de todos os tipos, dos mais variados povos e culturas, mostram, precisamente isto, ou seja, suas narrativas, nenhuma delas boba e trivial, sempre com grandes acontecimentos, muito bem articulados, em reviravoltas coerentes ao enredo do mito e da vida, não porque sejam fantásticos, esse inusitado como aparente irreal, serve para enaltecer o real, aprofundar o seu sentido. Sem o caráter mágico do mito ele perderia todo o seu conteúdo racional, explicativo. Ora, os filósofos sabem disso, o que teria sido de Platão sem a sua *Alegoria da Caverna*, essa caverna nunca existiu em lugar algum; mas enquanto mito serviu de sofisticado recurso à explicação de Platão sobre o acesso à realidade das coisas e do mundo como uma forma de conhecimento. Jesus teve a cruz como morte. Morto para redimir a humanidade de sua própria dor. O fez, não pela via da vingança, a Nova Aliança entre o homem e Deus, deu-se pelo sacrifício máximo de Deus feito homem, o cordeiro imolado como sacrifício, como o amor mais inconfessável pela humanidade. O mito de Jesus, o amor de Jesus, são explicitamente, uma razão em movimento como a compreender, de uma vez por todas, o sentido de tudo. O amor é racional. Ao se submeter, Jesus sabia de sua não-morte, pois é Deus. Ressuscitou no terceiro dia, apareceu aos viventes e elevou-se aos céus de corpo e alma resolvendo a multiplicidade da Trindade na Unidade de Deus, como espírito livre. Nada mais racional, realístico, inteligente, sofisticado, bonito: *demasiado humano!*

Assim é a razão, ela tem a sua essência em si mesma, logo, nada tem além de si ou fora de si que pudesse ser comparada com ela; é incomparável, porque é ela mesma a fonte de todas as comparações; é incomensurável, porque é a medida de todas as medidas, pois só medimos as coisas através da razão; ela não pode ser colocada abaixo de nenhum ente supremo, de nenhum gênero, porque ela mesma é o princípio supremo de todas as hierarquias, princípio este que subordina todas as coisas e seres. As definições de Deus dadas pelos filósofos e teólogos especulativos como o ser no qual não se distinguem existência e essência e que é ele próprio as qualidades que têm, de forma a serem idênticos nele sujeito e predicado, todas essas características são também conceitos abstraídos da essência da razão (FEUERBACH, 2007, p. 70).

Deus, ou a razão como plenificação, emergem na religião. Fenômeno nem um pouco trivial. Tão antiga quanto o homem, é a religião, presente em todas as culturas, em todos os tempos históricos. A hipótese de Feuerbach é que a religião é o bem mais valioso do homem, sua riqueza mais pessoal e valiosa. “Na religião o homem quer se satisfazer; a religião é o seu bem supremo” (FEUERBACH, 2007, p. 73). Isto porque na religião como elaboração e execução de uma ritualística complexa de adoração, subjaz um *pathos* como o contato do homem com a sua essência. Na igreja o homem sente-se em casa, ali, há uma harmonia como um ser sem contradição, Deus e homem em comunhão, não como um que acessa o outro pelo rito, mas o um que é o outro numa unidade constituída e indubitável.

Tudo que vive só sente a paz em seu próprio elemento, em sua própria essência. Se então o homem sente a paz em Deus, ele a sente apenas porque só Deus é a sua verdadeira essência, porque aqui ele se sente em casa, porque tudo que ele buscou paz até então e que considerou a sua essência, era um ser diferente, estranho. Portanto, se o homem quiser buscar a paz em Deus deve ele se encontrar em Deus (FEUERBACH, 2007, p. 73).

Há uma virada de interpretação das concepções do Antigo Testamento para o Novo. Grosso modo, no primeiro existe uma lógica punitivista ancorada numa forte moralidade. Numa atribuição bastante rígida do certo e do errado como atributos do *Livro da Lei*. Desde os costumes e comportamentos, como alimentação e vestimenta, ao ritual propriamente dito, existe um meio correto e inegociável de agir. Sendo o não cumprimento da *Lei* motivo de sanções e punições. O perdão aqui é pago com a punição. Noutro momento, com Jesus, o ato de condenar como um desejo sádico mais interior, é substituído pela sabedoria do perdão, ato sem recompensa. Assim, a verbosidade hipócrita do judaísmo, como se uns pudessem dizer sobre o pecado dos outros numa suposta isenção do ato de erro próprio, cai por terra, sendo os doutores da lei desmascarados de sua soberba quando desestabilizados, não pelo ataque frontal, mas pelo exemplo do perdão.

Por isso, ao ser Deus encarado como um ser que perdoa pecados, é ele posto não como ser amoral, mas como um ser não moral, como um ser mais do que moral, em síntese, como um ser humano. A anulação do pecado é a anulação da justiça moral abstrata e a afirmação do amor, da misericórdia, do sentimento (FEUERBACH, 2007, p. 76).

E quando Cristo perdoa, o faz porque é homem. Não foi a divindade de Jesus que o fez exercer o evangelho do amor, foi a humanidade de Deus encarnada em Jesus que o elevou ao grande sábio. A humanidade de Jesus só exagera o homem que desde o início é divino e divinizado. Se Deus fosse só Deus, numa atitude intransigente com a criatura, sua mais perfeita obra, não a teria tolerado por tanto tempo, mas porque Deus é homem, que suporta o erro mais atroz e ainda perdoa.

Mas o Deus encarnado é apenas o fenômeno do homem endeusado; porque a elevação do homem a Deus antecede necessariamente ao rebaixamento de Deus ao homem. O homem já estava em Deus, já era ele próprio Deus antes de Deus ter se tornado homem, isto é, de ter se mostrado como homem (FEUERBACH, 2007, p. 77).

Deus é amor, protagonista de todo o perdão. O divino de Deus não é elevado pelo sujeito da oração, mas pelo predicado. O amor está acima do divino, o amor vence Deus. Por isso, uma religião cristã que mata, que não tolera a homossexualidade, a transsexualidade, o ateísmo ou outras expressões religiosas cristãs ou não, não passam de charlatanismo, canalhice, ódio puro, pois antes de tudo, inclusive antes de Deus, está o amor como única verdade cristã.

O amor levou Deus à exteriorização da sua divindade. Não é pela divindade como tal, segundo a qual ele é sujeito na sentença: Deus é o amor, mas pelo amor, pelo predicado que veio a negação da sua divindade; então é o amor um poder e uma verdade mais elevada do que a divindade. O amor vence Deus (FEUERBACH, 2007, p. 80).

A religião, principalmente a cristã, enquanto genocida, é duplamente anticristã. Primeiro, porque Deus enquanto Deus abdica de seu lugar de Deus e não exige sua adoração como frumento da fé; Deus enquanto Deus solicita ao crente que primeiro ame para depois adorar. Depois, que Deus enquanto homem não pode exercer o seu próprio assassinio, pois entra em contradição com a sua própria essência, logo em fragrante conflito interno, ou seja, em pecado contumaz. Ao crente não resta outra saída senão a absoluta tolerância religiosa como o maior exemplo de amor ao próximo. Salvos não serão os de fé mais entusiasmada, mas os de amor mais profícuo e quente. Não os que queimam bruxas, mas que convivem com elas em frequente diálogo. Não os que julgam os homossexuais como desviados, mas os que olham para si mesmos e percebem o quanto de sua própria sexualidade é sobejamente carregada das mais inequívocas bizarrices e excentricidades. Não os que matam a quem cometeu o crime de matar, mas os que se esforçam para aprender a perdoar até mesmo o assassino de seu pai. Redentores são os que acolhem em seu coração todos os seus inimigos e tudo que lhe é mais estranho e intolerável.

Quem é então o nosso redentor e conciliador? Deus ou o amor? O amor, porque Deus enquanto Deus, não nos redimiu, mas o amor, mas o amor que está acima da distinção entre personalidade divina e humana. Assim como Deus renunciou a si mesmo por amor, devemos também renunciar a Deus pelo amor; porque se não renunciarmos a Deus por amor, renunciaremos ao amor em nome de Deus e teremos, ao invés do predicado do amor, o Deus, a entidade cruel do fanatismo religioso (FEUERBACH, 2007, p. 80).

O monoteísmo cristão tem como substrato o mistério da Trindade. Trindade que num primeiro momento denunciaria um certo politeísmo escondido. Pai, Filho e Espírito Santo, de católicos a protestantes, passando pelos ortodoxos, não negam a essência dogmática destes três princípios teológicos. Deus como perfeição, o homem endeusado, encarnou no homem, Deus humanizado, para realizar a providência, morrer da maneira mais horrenda em ato de paixão e perdão pelos seus iguais, a humanidade. Sob ação do Espírito Santo, santificação da essência do homem, para uma prática de completa entrega e sofrimento. "Deus enquanto Deus é o cerne de toda a perfeição humana, Deus enquanto Cristo o cerne de toda miséria humana" (FEUERBACH, 2007, p. 85). O Cristo é a absolutização mais extrema da dor humana, o mais hediondo dos sofrimentos, o mártir de uma humanidade decaída que pode aprender com o redentor a explorar em si o amor como forma de perdão. O Crucificado exemplifica mais uma vez o que temos de mais torpe e injusto, enquanto vítima do sistema de crueldade romano, porém nem o primeiro, nem o último modelo, criado pelo homem, para infligir a dor e sofrimento; ao mesmo tempo, ainda, que escancara o que temos de mais extraordinário e bonito. O mito de Jesus coloca a nu o homem enquanto homem na assunção de si mesmo a etérea corte dos Santos. "A religião cristã é a religião do sofrimento. As imagens do crucificado, que até hoje encontramos em todas as igrejas, não representam o redentor, mas somente o crucificado, o sofredor" (FEUERBACH, 2007, p. 88). O ser-para-si-mesmo renega sua tranquilidade passiva para ser-para-o-outro, para o homem. O ser que é essência e existência, inteiramente completo, sem nenhuma falta ou necessidade, deslocado da temporalidade e do espaço, assim como do Princípio de Causalidade, não determinado, portanto, habitante de uma paz como ausência de conflitos, denega seu privilégio celestial para ser a plena miséria, a mais insalubre existência. Por isso, soaria distorcida esta vi-

rada de Deus a Jesus, se Deus não tivesse todos os grandes atributos que o faz homem. Quando Deus assume a sua humanidade, apenas exagera o mais genuinamente humano como a educar a humanidade sobre sua potência criadora e inventiva.

Na segunda pessoa é então abandonada a qualidade essencial da divindade, a qualidade do ser-para-si-mesmo. Mas o próprio Deus-Pai gera o filho; ele renuncia assim à sua divindade rigorosa, exclusiva; ele se humilha, se rebaixa, coloca em si a essência de finitude, do ser fundado; ele se torna homem no filho, na verdade de início não quanto a forma, mas quanto a essência. Mas exatamente por isso torna-se Deus, como filho, objeto do homem, objeto do sentimento, do coração (FEUERBACH, 2007, p. 94).

Deste modo, o amor vence Deus. O homem como o mais capaz de amar e perdoar, se faz Deus, quando renuncia ao Deus transcendental, para afirmar o milagre do amor. Na imitação da vida crística realiza o seu ato redentor destituindo o fanatismo e a intolerância de todo o seu significado pela prática efetiva do amor.

Nietzsche

O além-do-homem é o homem capaz de suportar a carga de um Deus morto, tão pesado quanto uma pluma. O homem, por toda a sua história, carregou os maiores pesos, desnecessariamente. Reconhecer que todo esse esforço foi em vão, que o mundo, as coisas, a vida, quando aceita honestamente, são levíssimas, é desesperador ao homem que acostumou-se a carregar pedras. Nenhum peso sobre as costas, nenhuma vontade causalística explicadora, nenhum mundo além deste, e fazer o que quiser como uma vontade de poder sempre em disputa, em tensão com outras forças. O homem santo, penitente, andarilho do pecado, na sua caverna solitária, acha que a vida é esse dispor-se com o invisível. Ele louva o nada, chora pelo nada, fala sozinho nas suas orações mais obstinadas. Zaratustra descobriu o brilho da vida quando conseguiu ver que o sol que nos ilumina não vem de fora, do além-mundo, mas vem de dentro, do homem e da terra em que ele vive. Enquanto portadores da luz são os homens medrosos, ao mesmo tempo que vaidosos, pois inventaram no seu delírio justificador, um Deus que é toda luz, na verdade a luz que provém do próprio homem.

“E o que faz o santo na Floresta?”, perguntou Zaratustra.

Respondeu o santo: “Eu faço canções e as canto, e, quando faço canções, rio, choro e sussurro: assim louvo a Deus. Cantando, chorando, rindo e sussurrando eu louvo ao deus que é meu Deus. Mas o que trazes de presente?”

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra saudou o santo e falou: “Que poderia eu vos dar? Deixai-me partir, para que nada vos tire!” — E assim se despediram um do outro, o idoso e o homem, rindo como riem dois meninos.

Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*” (NIETZSCHE, 2011, p. 14)¹.

Os outros mundos acabaram: o Paraíso, o inferno, o purgatório, a realidade paralela, o éden, a barca de Noé. Nada disto faz sentido, o mundo, o nosso mundo, é a Terra. Com suas

¹ Za Prólogo, 2.

mazelas, tristezas, guerras, invejas, fome. O melhor a fazer para tornar o mundo melhor não é reivindicar um outro mundo em substituição deste, mas olhar para si como protagonista de todas as glórias e desgraças deste mundo. Quem inventou a agricultura foi o homem, o mesmo que inventou a fome. Lutemos pela terra, façamos morada sobre o chão de terra, lavrada com o sangue das guerras de nossos antepassados, com o sangue dos hediondos crimes por nós perpetrados. A terra está sulcada de sangue e nenhuma entidade de outro mundo trabalhou com tanto afinco para deixá-la tão papada de pisar em sua viscosidade nauseabunda, quanto os homens. “Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do super-homem²” (NIETZSCHE, 2011, p. 18)³. O cume das espadas, muitas vezes, atravessou incólume os principais vasos sanguíneos de seus irmãos, por causa do Senhor Jesus Cristo, Maomé, Moisés. Esses desprezadores da vida, mentirosos, ludibriadores, pregadores do mal sob a capaça de bem, estes porta-vozes da esperança, da espera, da longa espera para uma felicidade que, garantido, não passa da petrificação do nada pelo não-ser da morte, estes oportunistas do sagrado perderam suas dóceis ovelhinhas. Se Deus está morto, mais uma vez podemos saborear a vida e ser felizes, agora, sem esperar nada.

Eu vos imploro, irmãos, permaneci fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores (NIETZSCHE, 2011, p. 15)⁴.

O Iluminismo colocou em termos racionais e supostamente laicos os preceitos que o cristianismo já pregava a séculos, haja vista a igualdade. De modo que os homens superiores, os bons, se sentem envergonhados e contêm a sua glória para não ofender aos vermes. Deus foi o primeiro a estabelecer a igualdade como princípio da humanidade. Diante de Deus todos são iguais. Mas se Deus está morto, a igualdade como valor não é mais que engodo, falsificação, derrotismo de uma maioria, que impõe aos raros o chicote que o flagela como um malvado, orgulhoso, vaidoso e egocêntrico. Sem a justificativa de um superior intransponível, estes nobres conclamam, diferenciar-se, desgarrar-se, de uma vez por todas, do rebanho de vacas e alçar seus voos de liberdade. Aliás, estes são os que reivindicavam, desde o início, a grande notícia da morte de Deus. No mercado de peixes não se encontram homens superiores, mas derrotados pelo cansaço da vida. Tamanho é o peso de sua existência que qualquer vontade, mini-

² Existe um debate acalorado sobre a tradução para a língua portuguesa da palavra *Übermensch*. Um debate que se distancia das questões centrais o pensador alemão. Utilizarei além-do-homem no meu texto, e super-homem permanecerá enquanto opção de tradução de Paulo César de Souza, pois é a bibliografia que estou usando. Talvez, todos esses afetos estivessem ligados a uma suposta superioridade do ariano como um super e que os aliados devem combater como genuíno fascismo. Ou porque super-homem também está ligado ao cinema hollywoodiano. Ou, por fim, porque remetesse-se a uma individualidade exacerbada. De qualquer modo, o além-do-homem não é superior porque é oriundo de uma raça ou porque seja forte, o homem de aço, ele é alguém que superou o homem. Superou-se a si mesmo porque adquiriu a capacidade de perscrutar seus próprios valores morais, não sendo mais uma vaca adestrada, mas um dançarino que tem no trágico da vida, a arte de ultrapassar a ponte entre o homem e o além-do-homem. A nota 6 do Prólogo de Zarathustra, esclarece o debate e explica a opção por super-homem por Paulo César de Souza. Como dito, não é intuito deste trabalho penetrar neste debate, primeiro por nossa opinião sobre o seu valor inócuo, segundo pelas intenções as quais servem esta tese: demonstrar como a filosofia de Nietzsche não é uma filosofia atea. Assim, desde já, e nos guardando de um possível patrulhamento ideológico, supostamente de esquerda e progressista, não defendemos o uso desta ou aquela palavra, como a exaltar qualquer tipo de superioridade racial seja lá de que grupo cultural for. Além de não compactuarmos com uma noção de indivíduo ou sujeito, totalizada em si mesma, como um todo compacto, um eu absoluto e, não consideramos que Nietzsche concordasse com isso também não. Essa leitura talvez fosse apressada demais a um pensador que nos recomenda lentidão.

³ Za Prólogo, 4.

⁴ Za Prólogo, 3.

mamente, pululante, jovial, altiva, é esmagada com a ladainha mais derrotista, incapacitante, venenosa: “você não vai conseguir!, isso é muito grande pra você!, está querendo aparecer!, mais humildade, amigo!, por experiência própria, eu tentei, é difícil demais, nem precisa tentar!”. E assim descarregam sobre os nobres seu instinto de mansidão e pessimismo. “Fadiga que de um salto quer alcançar o fim, com um salto-mortal, uma pobre, insciente fadiga, que nem mais deseja querer: ela criou todos os deuses e trasmundanos” (NIETZSCHE, 2011, p. 41)⁵. Esses fracos inventaram Deus para suportar as suas próprias vidas terríveis e insuportáveis para eles mesmos. Junto aos deuses veio a moral, como uma forma de se meter na vida dos outros, impondo-lhes uma determinada forma de ser com o objetivo de castrar toda vontade de poder que atua na expansão de seu poder.

Ó homens superiores, aprendei isto de mim: ninguém, no mercado, acredita em homens superiores. E, se quiserdes lá discursar, muito bem! Mas a plebe pestaneja e diz: “Somos todos iguais”. “Ó homens superiores”, — assim diz a plebe — “não há homens superiores, somos todos iguais, homem é homem, diante de Deus — todos somos iguais!” Diante de Deus! — Mas agora morreu esse deus. E diante da plebe não queremos ser iguais. Ó homens superiores, ide embora do mercado! (NIETZSCHE, 2011, p. 336)⁶.

Trabalhamos mais detalhadamente os dilemas de uma concepção de cristianismo como a plenificação de Deus como invenção humana em Feuerbach. Compreensão esta *in toto* considerada por Nietzsche enquanto suspeita de uma era até ele decadente e negadora do mundo.

Oh, irmãos, esse deus que eu criei era obra e loucura de homens, como todos os deuses! Homem era ele, somente uma pobre porção de homem e de Eu; de minhas próprias cinzas e brasas me veio ele, esse fantasma; na verdade, não me veio do além! (NIETZSCHE, 2011, p. 40)⁷.

Na divinização de si como um outro plenipotente elaborou-se as mais sofisticadas promessas. Cerimônias cheias de encanto, sons, imagens, cheiros, discursos, elevação. Nestes cultos de adoração o tédio é substituído pela emoção, o sofrimento transformado em percurso para a glória. Assim, sofrer mais é melhor que sofrer menos, numa espécie de ode à dor. Alguém que não sofra e esteja ali, é quase sempre um pecador, um mal pecador, porque ao invés de se afundar em lágrimas eleva-se de alegria por causa de sua vida boa. “Mas ‘aquele mundo’ está bem escondido dos homens, aquele desumanado mundo inumano, que é um celestial Nada; e o ventre do ser não fala absolutamente ao homem, exceto como homem” (NIETZSCHE, 2011, p. 41)⁸. O pior tipo de gente fora este que inventaram Deus, ficam torcendo pela desgraça alheia, porque não suportam ver a felicidade do outro. Em tempos de antivacina, alguns destes velhos cristãos torcem para que algumas crianças que tomaram a vacina contra a Covid-19 morram, comprovando a sua tese estúpida. Ao contrário, deveriam torcer para todos sairmos logo disso, mas usam sua crença religiosa para catalisar o seu ódio às formas de vida exuberantes e maravilhosas. “Foram os doentes e moribundos que desprezaram corpo e terra que inventaram as coisas celestiais e as gotas de sangue redentoras: mas também esses doces, sombrios venenos tiraram eles do corpo e da terra!” (NIETZSCHE, 2011, p. 41)⁹. Mas Deus está morto! A metáfora de Nietzsche coincide com a da mitologia cristã, Jesus foi assassinado da forma mais bárbara. Justo ele que

⁵ Za Dos Transmundanos.

⁶ Za Do Homem Superior, 1.

⁷ Za Dos Transmundanos.

⁸ Za Dos Transmundanos.

⁹ Za Dos Transmundanos.

apregou pelos quatro cantos da Galileia, a hipocrisia dos doutores da Lei (Mt 23; Mt 6, 6-8). A sua morte significou a Nova Aliança entre Deus e os homens, anulando os antigos códigos hebreus, pelo exercício absoluto do amor. O Deus morto é o Deus do amor. “Assim me falou certa vez o Demônio: ‘Também Deus tem seu inferno: é seu amor aos homens’. E recentemente o ouvi dizer isto: ‘Deus está morto; morreu de sua compaixão pelos homens’” (NIETZSCHE, 2011, p. 107)¹⁰. Apesar de todas as evidências, do aceite inicial da morte, o convalescente ainda não está completamente recuperado da doença, que por tanto tempo o flagelou e, vez por outra, olha para o Deus morto procurando esperança e conforto. “Tampouco se irrita Zaratustra com o convalescente, quando esse olha com ternura para sua ilusão e à meia-noite ronda pelo sepulcro de seu Deus: mas suas lágrimas continuam a ser, para mim, doença e corpo doente” (NIETZSCHE, 2011, p. 42)¹¹. Outrossim, uma coisa é certa, sem Deus o além-do-homem passa a ser meta.

Diante de Deus! — Mas agora morreu esse deus! Ó homens superiores, esse deus era vosso maior perigo. Apenas depois que ele foi para o túmulo vós ressuscitastes. Somente agora vem o grande meio-dia, somente agora o homem superior torna-se — senhor! Compreendestes essa palavra, ó irmãos? Estais assustados: sentem vertigens vossos corações? Abre-se para vós o abismo? Ladra para vós o cão do inferno? Muito bem! Adiante, homens superiores! Somente agora vêm as dores do parto à montanha do futuro humano. Deus morreu: agora nós queremos — que o super-homem viva (NIETZSCHE, 2011, p. 337)¹².

Anunciada a morte de Deus, libertou-se a filosofia de sua escravidão teológica e metafísica. Portanto, é capaz de, com Deus ou sem Deus, erigir os fundamentos epistemológicos e hermenêuticos que quiser, sem preocupar-se com a fogueira da Santa Inquisição, com a culpa e o castigo infernal, sem a mordada do dogma. Assim, como seria o debate sobre o ateísmo na perspectiva da morte de Deus? Ou seja, como contraposição a Deus, o ateísmo não pode edificar-se como outro dogma, pois obedecendo ao princípio da não-contradição: o homicídio de Deus destruiu todos os alicerces morais construídos pelo homem. Se Deus está morto, qualquer coluna rígida demais, acaba por retirar Deus do túmulo e restaura uma idolatria ao cadáver, como uma forma da verdade carcomida pelos vermes do tempo que transformam toda ideia em nada.

Dostoiévski

O caminho a seguir é a trilha para se desvencilhar da vacuidade e do turbilhão do caos. Dostoiévski era cristão e sua obra deixa transparecer sua devoção, não como capturado, simplesmente, pelo recurso do rebanho. Nos parece que por trás disso existem problemas filosóficos e existenciais mais profundos, não só oriundos de sua biografia, mas do ser em geral como construção histórica. O niilismo está colocado no autor obedecendo ao mesmo sentido histórico da obra de Turguêniev. O socialismo elencado ao debate não só como aspiração política do movimento operário, mas movimento ateu, desmistificador, negador. Entretanto, em Dostoiévski o ateísmo também é questionado, no sentido de que a morte de Deus não significa a emergência do ateísmo. Como pensador cristão não deixará passar tão facilmente o negacionismo do niilismo para desembocar no ateísmo. A atitude atea insere-se no mesmo conjunto

¹⁰ Za Dos Compassivos.

¹¹ Za Dos Transmundanos.

¹² Za Do Homem Superior, 2.

de ações que anulam o processo radical de niilização. Aliócha ao menos é sincero, pois é um crente com toda as letras, aprendiz de sacerdote.

Aliócha apenas escolheu um caminho oposto ao de todos os outros, mas com a mesma sede de um feito imediato. Mal ele, depois de meditar seriamente, deixou-se fascinar pela convicção de que a imortalidade e Deus existem, ato contínuo disse naturalmente para si mesmo: "Quero viver para a imortalidade, e não aceito meio compromisso". De maneira exatamente igual, se tivesse resolvido que não existem a imortalidade nem Deus, teria ido juntar-se aos ateus e aos socialistas (porque o socialismo não é apenas uma questão dos operários ou do chamado quarto Estado, mas é predominantemente a questão do ateísmo, da encarnação atual do ateísmo, a questão da Torre de Babel construída precisamente sem Deus, não para alcançar o céu a partir da terra, mas para fazer o céu descer à terra) (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 46).

Se Deus está morto tudo é permitido é uma sentença dos que precisam de um carrasco para lhes dizer o que não se deve fazer, do contrário serão punidos. O agente punidor extinto, se perde o certo e o errado e, curiosamente, os mais apegados a esta moral caem nos mais absurdos crimes. Em 4 de fevereiro de 2017 a Polícia Militar do estado do Espírito Santo entrou em greve. Lojas passaram a ser saqueadas, casas invadidas, o caos instalado. Mas muitos destes perpetradores de crimes, não eram criminosos mesmos ou em condições iminentes para o crime, o que aconteceu é que com a ausência do agente repressor se compreendeu o roubo como permitido. O mesmo ocorre se se perguntar a uma parte dos condutores de automóveis os motivos que o fazem não ingerir bebida alcoólica e dirigir, é muito provável que as respostas estejam relacionadas a tomar multas, perder a carteira de motorista, ser preso e processado pelo Estado. Tais indivíduos estão imersos no conjunto de regras estabelecidas pelo Deus punidor e são desprovidos de autonomia para decidir sobre uma atitude que, ponderando os interesses pessoais e sociais, conseguisse distinguir uma ação eficaz e justa para um número maior de pessoas. A lei existe porque os sujeitos não têm ou não querem ter a responsabilidade para ser protagonistas de suas vidas na relação com o outro, tendo que pensar o indivíduo e o coletivo, o tempo todo, para ser eticamente justo. Deus, portanto, é a camisa de força social necessária para conter a barbárie. A questão maior, outrossim, é a que se refere a responsabilidade, sem Deus todo o peso do mundo nos é colocado sobre as costas tendo-os de carregar para lá e para cá. A vida é mais fácil com Deus.

- Isso é plágio, Aliócha. Estás parafraseando teu *stárietz*. Ora veja, Ivan lhes propôs um enigma! - bradou Rakítin com uma raiva evidente. Ficou até com a expressão no rosto alterada e os lábios contraídos. - E aliás um enigma tolo, sem nada a ser decifrado. Uma sacudidela no cérebro, e o entenderás. O artigo dele é ridículo e absurdo. Ouvi ainda há pouco sua teoria tola: "não existe a imortalidade da alma, então não existe tampouco a virtude, logo, tudo é permitido" (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 127).

A ironia no texto literário sobre Deus na Rússia czarista era de uma ousadia que poderia render alguns anos na Sibéria. A ironia colocada não como deboche, apenas, mas como problema teológico. Ora, todos aqueles que não conhecem Jesus e cometeram pecados serão punidos ao inferno, mais da metade mundo? Por que os cristãos são tão privilegiados em relação a todo resto da humanidade, sendo que Deus os fez iguais? Evidente que o desconhecimento da Palavra é um bom argumento para os cristãos invadirem territórios para matar, estuprar, roubar, sodomizar, mentir, perverter, subjugar, aculturar, violar, em nome do trabalho missionário para salvação da humanidade. Mas o argumento de Dostoiévski coloca uma dúvida e a ironia provoca uma suspeita.

- E se não sou mesmo cristão, quer dizer que não menti para os verdugos quando me perguntaram se eu era ou não era cristão, porque eu já havia sido afastado de meu Cristianismo pelo próprio Deus simplesmente por causa da intenção e inclusive antes que eu conseguisse dizer minha palavra aos verdugos. E se eu já estava degradado, então de que maneira e com base em que justiça haveriam de cobrar de mim no outro mundo, como se cobra de um cristão, por eu ter renegado Cristo, quando eu, só pela intenção, ainda antes da excomunhão, já havia sido privado de meu batismo? Portanto, se já não sou cristão, não posso tampouco renegar Cristo, porque neste caso não terei o que renegar (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 190).

O debate sobre se Deus existe ou não, é inglório. E dependendo de quem os realiza parecerá bastante infantil. Se Deus não existe o fundo oco do nada fica mais evidente, se existe há um alento a uma vida difícil e dura, além de uma justificativa para o que se deixou de fazer por negligência ou impossibilidade. O mais importante é que o inventor de Deus instituiu junto a sua outorga os valores morais que fundariam a civilização. As civilizações sendo muitas, supõe-se por esta premissa, no mínimo, como eurocêntrica e dogmática. Ou os deuses são muitos para muitas civilizações, cada Deus feito a semelhança de seu povo, ou cada povo feito a semelhança de seu Deus. De qualquer modo a moral que advém de Deus serve mais a propósitos políticos e comportamentais de determinadas figuras sacerdotais e políticas, que a um bem que ultrapassa a solidão do indivíduo e transcende ao universal. Se de um lado se diz que Deus existe, de outro se dirá que não: Deus é um conteúdo para devoção de foro exclusivamente íntimo, assim como o não Deus. Mas como o teísmo e o ateísmo são configurações do niilismo incompleto, não de sua radicalidade, então exigem do falante a sua militância para poder afirmar a si mesmo que a besteira que acredita realmente tem validade, o ateu crente na ciência, o teísta nos milagres. Contando aos outros conseguem obter aliados que endossam sua crença pelo advento do rebanho, não que a verdade exista, mas o senso do coletivo pela unidade discursiva instaura uma verdade.

- Bem, sendo assim, quer dizer que eu sou um russo, e que tenho um traço russo, e que a ti também, filósofo, posso te apanhar nesse mesmo traço. Se quiseres eu te apanho. Podemos apostar que amanhã mesmo te apanho. Mas, mesmo assim, dize: Deus existe ou não? Só que fala a sério! Agora precisas me dizer a sério. / - Não, Deus não existe. / - Alióchka, Deus existe? / - Deus existe. / - Ivan, a imortalidade existe? Vamos, alguma que seja, mesmo uma pequena, a mais ínfima? / - Também não existe imortalidade. / - Nenhuma? / - Nenhuma. / - Ou seja, o zero mais absoluto ou algo? Será que existe algo, alguma coisa? Apesar de tudo, não é o nada! / - Zero absoluto. / - Alióchka, existe a imortalidade? / - Existe. / - E Deus, e a imortalidade? / - Tanto Deus como a imortalidade. É em Deus que está a imortalidade. / - Hum. O mais provável é que Ivan esteja certo. Deus! só de pensar o quanto sacrificou o homem de fé, quantos esforços de toda espécie dispendeu gratuitamente por essa fantasia, e isso durante tantos milênios! Quem é esse que zomba tanto do homem? Ivan! Pela última vez te pergunto e de modo terminante: Deus existe ou não? Estou perguntando pela última vez! / - E pela última vez não. / - Quem é que zomba dos homens? / - Vai ver que é o diabo - Ivan Fiodórovitch deu um risinho. / - E o diabo existe? / - Não, o diabo também não existe. / - É uma pena. Com os diabos, o que eu faria depois disso com aquele que primeiro inventou Deus! Enforcá-lo num álamo amargo seria pouco. / - Não existiria absolutamente civilização se não tivessem inventado Deus. / - Não existiria? Sem Deus? / - Sim, e nem o conhaque existiria. Mas, apesar de tudo, vou ter de lhe tirar o conhaque (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 196).

O momento de profunda crise por que passava a Rússia impulsionava a sociedade como um todo, mas principalmente os mais jovens ao debate das grandes ideias. Mas Dostoiévski coloca a questão não em termos de o socialismo como alternativa ao cristianismo, advogando em defesa de um ou de outro. Evidente que por ser cristão, o texto sim, tende para este lado,

mas há um encaminhamento para a suspeita de que todos estes valores são vazios. E que, apesar do debate e da urgência de reformas, o socialismo, o anarquismo, o comunismo, são proposições ao desfrute do tempo ocioso para os ateus, adequado ao seu apego a um significativo mestre; do mesmo modo o cristianismo é o significativo mestre *par excellence*, pronto a restaurar das profundezas da escuridão do niilismo qualquer alma pelo poder do espírito santo. Com estas delongas Dostoiévski reforça o imobilismo para a ação do russo, que conversa muito e age pouco. Mas a paralisia é também um aspecto da destruição, não fazer nada tem consequências graves, já que a vida em sociedade exige trabalho. Neste sentido, apesar do engajamento, o debate dos camponeses e operários industriais, não é tão evidente. As elites e a classe média têm protagonismo discursivo no texto, bem traduzidos no seu elitismo e vontade de nada, mesmo quando há vontade para alguma coisa. É importante salientar ainda que é a partir do romantismo que os jovens avançam por uma moda desconstrutivista e um pessimismo resignado e mórbido, o mal do século. Cada vez mais a partir desta época, avançando século XX adentro, os jovens exigirão uma voz e um direito a um posicionamento político mais firme e consistente, digno de respeito como protagonistas da história. Não será diferente na Rússia que as ideias ocidentais estão circulando mais abertamente nas universidades.

- Eu, rindo? Não quero amargar meu irmãozinho, que passou três meses me olhando com tamanha expectativa. Aliócha, encara-me: eu também sou um menino pequeno como tu, tal qual, com a única diferença de que não sou noviço. Ora, como é que os meninos russos agem até hoje? Quer dizer, os outros? Vê, por exemplo, esta taverna fedorenta, vê aqueles ali, eles se juntaram, sentaram-se no canto. Antes nunca se haviam conhecido, vão sair da taverna e passar mais quarenta e cinco anos sem saber nada uns dos outros; pois bem, o que vão discutir agora nesta taverna? Questões universais, não outra coisa: Deus existe, existe imortalidade? E os que não acreditam em Deus vão falar de socialismo e de anarquismo, da reconstrução de toda a sociedade humana segundo um novo princípio, e então só o diabo sabe o que sairá daí, sempre as mesmas questões, só que vistas de um outro ângulo. E hoje uma infinidade, uma infinidade dos mais originais rapazinhos russos não fazem outra coisa a não ser falar de questões eternas. Por acaso, não é assim? (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 322).

A hipótese de Feuerbach, que tivemos a chance de discutir na primeira parte deste artigo, é sempre convocada e enaltecida. Deus, uma invenção do homem. Não porque Deus seja impossível, mas porque sua intromissão na realidade é num contexto de facilitação, consolo, senhor da vingança e dos presentes. Assim, é bastante razoável supor que seja uma invenção humana. Deus deveria ser a última opção enquanto agente moral do mundo, o homem assumindo de uma vez por todas as suas atitudes. Deus deveria ser a última opção como elemento que explique o surgimento do universo, depois de lida toda a literatura escrita em livros sobre o assunto, entulhadas até o teto nas diversas bibliotecas mundo à fora. E Deus não deveria ser tão passional com os desejos dos homens, como se o senhor das esferas tivesse tanto tempo disponível para aprovar Joaquim no SISU porque fizera boa pontuação no ENEM, sem ter estudado, para que ele pudesse ser médico, enquanto Roberto que estudou foi mal na prova. Verdade seja dita, a invenção de Deus é coisa da mente interesseira do homem, pois ao usar do seu amuleto da sorte, conseguiria seus intuitos. Ou seja, não teve Deus ou coisa alguma, ele conseguiu ou não conseguiu, por sua própria força e determinação. Derrotado, atribui a outro o seu fracasso, se consola diante de sua incompetência. Se vence, agradece a Deus, numa falsa modéstia e humildade de um lutador destemido, porém benevolente e gentil que não arrota prepotência por caridade aos fracassados e derrotados.

E o homem realmente inventou Deus. E o estranho, o surpreendente não seria o fato de Deus realmente existir; o que, porém, surpreende é que essa ideia - a ideia da necessidade

de Deus - possa ter subido à cabeça de um animal tão selvagem e perverso como o homem, por ser ela tão santa, tão comovente, tão sábia e tão honrosa ao homem. Quanto a mim, há tempos que decidi não pensar na questão: foi o homem que criou Deus ou Deus que criou o homem? É claro que não vou ficar examinando todos os axiomas que os rapazinhos russos de hoje formulam a esse respeito, todos derivados de hipóteses europeias; pois o que lá é hipótese no rapazinho russo se transforma imediatamente em axioma, e não só nos rapazinhos, mas talvez até em seus professores, porque até hoje os professores russos são, muito amiúde, esses mesmos rapazinhos russos (DOSTOIÉVSKI, 2008, p. 323).

Os jovens progressistas eram entendidos, não como esquerda em oposição a direita. Esta estreiteza do pensamento é algo típico de um lugar como o Brasil. Os progressistas aglutinavam-se em socialistas, anarquistas e comunistas, mas não apenas. Os liberais políticos defensores de uma república sufragista e os liberais econômicos oriundos do pensamento econômico burguês, defensores da não intervenção do Estado na economia, compunham, ainda, o grupo dos progressistas. Estas pessoas estavam divididas em estratos sociais médios, estudantes, escritores, que planejavam uma ação política mais vigorosa contra o que estava dado. Dostoiévski se refere a eles como também niilistas, que questionam os valores estabelecidos. Neste sentido russo niilista equivale a revolucionário, incendiário, subversivo. Na alta sociedade eram vistos com curiosidade como seres quase exóticos, entre seus pares reconheciam a sua missão histórica de transformação da Rússia. As células terroristas estavam espalhadas pelas duas capitais e trabalhavam silenciosamente, sem que os membros fossem expostos e a repressão furasse a articulação. *Os Demônios* trata-se precisamente disto. É uma história fictícia que enreda a trama e os jogos da sociedade como forma de mascarar o discurso, em que algumas destas personagens compõe uma célula terrorista militando nas fábricas, fazendo panfletagem, o grupo anarquista estava pronto para matar líderes políticos e instaurar o caos. Porém, a falta de comunicação entre os vários grupos, não lhes conferia certeza sobre quantos eram em toda a Rússia, quem eram e se estavam dispostos a uma organização para um ataque coordenado.

Essa pressa de um homem tão cheio de si foi o que espicou Stiepan Trofímovitch da forma mais dolorosa; no entanto, dei a mim mesmo outra explicação: ao convidar um niilista à sua casa, o senhor Karmazínov evidentemente tinha já em vista suas ligações com os jovens progressistas das duas capitais. O grande escritor tinha estremecimentos mórbidos diante dos modernos jovens revolucionários, e imaginando, por desconhecer o assunto, que nas mãos deles estavam as chaves do futuro da Rússia, lambia-lhes os pés de maneira humilhante, principalmente porque eles não lhe davam nenhuma atenção (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 215).

A revolução russa para Chátov começaria pelo ateísmo, não por causa da noção de ópio do povo de Marx. A preocupação de Marx fundamentava-se no despotismo das religiões e sua instrumentalização política da ideia de Deus. Os revolucionários russos, nos parece, advogavam pela extinção da fé, do credo, não só das religiões, pois é Deus enquanto fantasia orientadora da realidade que justifica este mundo de valores em si, evidente que os maiores veiculadores desta moralidade são as instituições religiosas cristãs. Abolida a ideia de Deus, o nada toma a forma mais cristalina revigorando o povo a ação. Porque Deus impede a ação revolucionária, pois se deixa a ele o milagre de ser, retirando do sujeito o seu protagonismo histórico. Este Deus capturado é nocivo a sociedade porque a mantém estagnada, paralisada, despolitizada. Por isso o desejo da imposição do ateísmo como reestruturador político e social. Além disso, se sabe por toda a Rússia dos abusos por parte da nobreza e da burguesia no que concerne às condições trabalhistas. A recente libertação dos servos não fará da Rússia, do dia para a noite, uma sociedade justa, liberal, respeitosa com os seus trabalhadores. As relações trabalhistas, após a liber-

tação dos servos continuaram servis, isto porque séculos de servidão não se desfazem assim. Além do que, a reforma promovida pelo Estado, sem a luta dos trabalhadores, apesar das revoltas aqui e acolá, tinha a intenção de apaziguar as coisas e dar um salto modernista do ponto de vista econômico, não determinou um desejo da massa como violência e terror parecendo que não há o que se temer por parte do czarismo. Os donos das fábricas confiscavam parte dos salários dos operários lembrando os tributos feudais que os servos pagavam para usufruto da terra, para uso da água, para morrer, para nascer, para existir. Os jovens niilistas sabiam destas injustiças e comentavam entre si, se infiltravam, tentavam cooptar os trabalhadores.

Há três amigos nossos lá, *vous comprenez?*¹³ Falamos de ateísmo e, é claro, abolimos Deus. Estão contentes, dão ganidos. Por outro lado, Chátov assegura que se for para começar uma rebelião na Rússia, então é preciso que se comece forçosamente pelo ateísmo. Talvez isso seja verdade. Estava lá um capitão *burbon*¹⁴ de cabelos grisalhos, o tempo todo sentado, sempre calado, sem dizer uma palavra; de repente se posta no centro do cômodo e fala em voz alta como se falasse consigo: “Se Deus não existe, então que capitão sou eu depois disso?” Pegou o quepe, ficou sem saber o que dizer e saiu. [...] / — É? Não entendi; queria lhe perguntar. Bem, que mais lhe contar: há a fábrica interessante dos Chpigúlin; como você mesmo sabe, tem quinhentos operários, um foco de cólera, faz quinze anos que não limpam o local, subtraem o salário dos operários na hora do pagamento; são uns comerciantes-milionários. Asseguro que alguns dos operários têm uma noção da *Internationale* (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 228).

Os eslavófilos na sua defesa dos seus ideais introduzem no debate o problema do catolicismo, não só por causa da rivalidade instaurada deste o Cisma do Oriente em 1054, mas porque o catolicismo tem para o mundo ocidental a tutela de sua fundação cultural. O cristo falsificado como anticristo, a igreja romana como o desenvolvimento, expansão e domínio do anticristo na Terra. Isto porque os dogmas de Roma destoam do cristo pregado na cruz. A rica e imponente Igreja contradiz a pobreza de Jesus. A romanização do mundo, que Júlio César não conseguiu efetivar, pelo cristianismo católico efetivou a inversão dos valores, a degenerescência da vontade e a submissão inquestionável ao papado e a sua monarquia eclesial. Não é uma coincidência o linguajar de Dostoiévski e o de Nietzsche, o alemão teve contato com diversas obras do russo traduzidas para o francês. A maneira transformadora que a obra de arte dostoiévskiana introduz no seu leitor catalisou uma semântica dos sentidos nova em Nietzsche levando-o a vários *insights* filosóficos fundamentais ao seu projeto.

— Não; os eslavófilos de hoje a rejeitaram. Hoje o povo está mais inteligente. No entanto você foi mais longe ainda: acreditava que o Catolicismo romano já não era Cristianismo; afirmava que Roma proclamou um Cristo que se deixou seduzir pela terceira tentação do demônio e que, ao anunciar ao mundo que Cristo não conseguia preservar-se sem o reino terrestre na terra, o Catolicismo proclamou o Anticristo e assim arruinou todo o mundo ocidental. Você afirmou precisamente que se a França se atormentava era unicamente por culpa do Catolicismo, pois ela rejeitara o fétido deus romano e não encontrara um novo. Eis o que você conseguia dizer naquela época! Eu me lembro das nossas conversas (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 249).

A colagem tão prematura entre ateísmo, razão e ciência, é forçada e abrupta. A delicadeza com que Nietzsche trata o assunto nos evidencia pontes mais perspicazes. A ciência como razão elevada a enésima potência numa atitude ateia como a qualificar a um e desqualificar o

¹³ (Você compreende?).

¹⁴ (Grosseiro, descortês; diz-se do capitão que começou a carreira como soldado. (N. do T.)).

teísmo deixa velado que tanto a razão quanto a ciência, são braços bastante sedimentados do ideal ascético. O socialismo, outrossim, o ateísmo, o racionalismo e o cientificismo, adentram ao mesmo saco da vontade de verdade, numa formulação que se assemelha muito ao que se tornou a Rússia socialista. A Rússia de Lênin, mas em Stálin fica mais nítido, a institucionalização destas fórmulas acabadas, terminadas, totalmente prontas, toma corpo como a erupção do poder dos soviets. O socialismo como ditadura do proletariado, o ateísmo como proibição da fé, a razão como estrutura de que nada de errado acontece naquele contexto revolucionário e político, a ciência como instrumentalização do saber para a engenharia de guerra. A proibição de Deus não é uma assertiva ateia, ateus são aqueles que não precisam proibir para se fazer ouvidos. O ateísmo que faz glosa com o fascismo é inseguro e não passa de niilismo incompleto, medroso e frágil. O fascismo de esquerda ao burocratizar o socialismo, o ateísmo, a razão e a ciência, impediu seu avanço livre, escravizando-os e estagnando-os. O ateísmo típico ou mesmo o libertário, nietzscheano, avançaram mais nos países capitalistas liberais que na URSS.

— Povo nenhum — começou como se lesse algo ao pé da letra e ao mesmo tempo continuando a olhar ameaçadoramente para Stavróguin —, nenhum povo se organizou até hoje sobre os princípios da ciência e da razão; não houve uma única vez semelhante exemplo, a não ser por um instante, por tolice. O socialismo, por sua essência, já deve ser um ateísmo, precisamente porque proclamou desde o início que é uma instituição ateia e pretende organizar-se exclusivamente sobre os princípios da ciência e da razão. A razão e a ciência, hoje e desde o início dos séculos, sempre desempenharam apenas uma função secundária e auxiliar; e assim será até a consumação dos séculos (DOSTOIÉVSKI, 2004, p. 250).

O processo de niilização não se efetivou radicalmente na Rússia, talvez, por suas intenções teleológicas. Ora, a insatisfação com o czar significava, não o esvaziamento de seu sentido fálico, mas a substituição dele por um outro tipo de governo que instituisse uma espécie de paz. Um *telos* como prerrogativa para a felicidade, traduzida também com o nome de justiça social. Mesmo com a queda da monarquia o Estado manteve-se forte.

Considerações finais

Por tudo isto, Deus na sua acepção tradicional ou na sua versão laica sob vestes humanísticas, está aí como mecanismo de defesa contra o desamparo. E não reivindicamos uma condenação a presentificação de Deus como atributo covarde de uma humanidade decaída, ao contrário, sustentamos que Deus possibilita à vida continuar, mesmo depois do seu encontro devastador com o nada. Porém, e aqui vale algumas ressalvas, esses valores teísticos de todos os tipos, podem ser envenenadores e devem ser combatidos numa outra forma de educação que escape ao adestramento disciplinador do cristianismo judaísmo puros. Uma postura poética diante da vida restaura Zaratustra como dançarino capaz de após a morte de Deus, pragmaticamente, fazer uso dos diversos recursos para consolidar sua alegria. Ateísmo e teísmo não são conceitos absolutos, sendo plenamente possível apropriá-los da forma que nos aprouver. Um doente que faz uma prece a Deus não é condenável, um biólogo molecular que descobre as propriedades químicas da Uracila, desdobrando-a num argumento sobre a inexistência de Deus também não. Suas atitudes afirmativas preservam o humano que são. Mesmo o fraco, degenerado, sem forças, devastado pela pusilanimidade proveniente da imensidão da vida, mesquinhos, ressentidos, reativos, canalhas, mentirosos, charlatões do cristianismo, mesmo estes miseráveis elevam sua torpeza leviana para edificar alguma realidade para a sua vida

neste mundo. A promessa do outro mundo serve a estes carcomidos e devastados, sem seus amuletos e bengalas eles sucumbiriam. O forte que se esforça em destruir este pouco destes moribundos e mentecaptos, não passa de um covarde vingador, que trava uma guerra desnecessária contra os vulneráveis: isto não passa de judaísmo cristianismo no sentido *latu*.

Por fim, discutimos até aqui como o ateísmo, apesar de sua aparente descrença, recruta de Deus os vendilhões de sua doutrina. Se o aspecto político do ateísmo é necessário como contraponto aos desmandos do fanatismo religioso, por outro, a solução ontológica para o problema não nos parece criativa no sentido de uma novidade. Ou o ateísmo bebe, principalmente, no cristianismo para endossar uma espiritualidade laica, ou na sua versão militante inverte os valores cristãos numa evidente vingança apaixonada, apesar do semblante de racionalidade e cientificidade. Uma sociedade sem Deus exigiria uma indiferença generalizada com relação a todos os ídolos de alguma maneira inflacionados ao nível da paixão arrebatadora. Mesmo no vácuo do niilismo enquanto tal, sem subterfúgios, há de se ter o cuidado de não fazer do niilismo um novo bastião. Ora, tal dificuldade para o empreendimento ateísta nos autoriza a supor que Deus é condição, na pior das hipóteses, semântica e discursiva no devir humano.

Referências

- ACHARYA, V. *Nietzsche's Meta-Existentialism*. Berlin; Boston: Walter de Gruyter, 2013.
- ALIAGA, O. D. C. "Dios ha muerto" y la cuestión de la ciencia en Nietzsche. *Estudios de Filosofía*, Antioquia, n. 59, jan./jun. 2019, p. 139-166.
- ALVAR, J. Um tratado fracassado: la ateología como discurso del ateísmo cristiano. *Diálogos da história antiga*, v. 32, n. 2, 2006, p. 125-137.
- AMENGUAL, G. *Crítica de La religión y antropología em Ludwig Feuerbach: la reducción antropológica de la teología como paso del idealismo al materialismo*. Barcelona: Editorial Laia, 1980.
- ARALDI, C. L. Hölderlin e Nietzsche: sobre o "abismo" do nada. *Revista Trágica: Estudos de Filosofia da Imanência*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, 2020, p. 43-58.
- ARALDI, C. L. *Nietzsche: do niilismo ao naturalismo moral*. Pelotas: NEPFil online, 2013.
- ARALDI, C. L. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, n. 5, 1998, p. 75-94.
- BADEY, P. B. Nietzsche: A Confused Philosopher? *International Journal of Academic Research in Business and Social Sciences*, v. 2, n. 6, jun./2012, p. 553-558.
- BARBOSA, W. do V.; LOTT, H. M. "O religioso após a religião": um debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, out./dez. 2010, p. 71-100.
- BORGES, R. R. *Ateísmo pós-moderno de Michel Onfray: descrição, análise dos pressupostos filosóficos e avaliação crítica*. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.
- BROCK, E. *Nietzsche Und der Nihilismus*. Ruhr-Universität Bochum: De Gruyter, 2015.
- CABRAL, A. M. Nietzsche e a semântica da vontade de poder. *Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, jan./jun. 2009, p. 20-37.

- CABRAL, A. M. *Niilismo e Hierofania: Nietzsche, Cristianismo e o Deus Não-Cristão*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda., 2015.
- CHAVES, D. de A.; OLIVEIRA, A. A. de. Niilismo e morte de deus como problemas na leitura de Zaratustra de Nietzsche. *Revista Acadêmica UniSerra*, Tangará da Serra, v. 1, n. 1, jan./jun. 2018, p. 41-50.
- COMTE-SPONVILLE, A. *Apresentação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, A. L. F. *Ateísmo e materialismo hedonista: um balanço crítico da ateologia de Michel Onfray*. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- DAWKINS, R. *Deus, um delírio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, F. *Os Demônios*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- ESPÍNDOLA, A. de. Feuerbach: da crítica da religião à defesa da dignidade humana. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 32, n. 1, jan./jun. 2011, p. 3-8.
- FERREIRA, D. W. *Ágape e a liberdade: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry*. 2016. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.
- FERREIRA, G. A. da S. Fé e Razão: uma relação de completudes e verdades. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 9, n. 15, jan./jun. 2015, p. 144-154.
- FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FEUERBACH, L. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.
- FEUERBACH, L. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Lisboa: Edições 70, 2002.
- FIGL, J. *Dialektik der Gewalt: Nietzsches hermeneutische Religionsphilosophie; mit Berücksichtigung unveröffentlichter Manuskripte*. Düsseldorf: Patmos Verl., 1984.
- FIGL, J. *Nietzsche und die Religionen*. Transkulturelle Perspektiven seines Bildungs- und Denkweges. Berlin: De Gruyter, 2007.
- GILLESPIE, M. A. *Nihilism before Nietzsche*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GONÇALVES, P. S. L. Religião e ética no cristianismo não religioso: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 10, n. 2, mai./ago. 2018, p. 244-268.
- HEIT, H. Ende der Säkularisierung? Nietzsche und die große Erzählung vom Tod Gottes. *En: TERNE, S. D. (Ed.). Nietzsches Perspektiven. Über Dichten und Denken in der Moderne*. Berlín: De Gruyter, 2014.
- HOEDL, H. G. *Der letzte Jünger des Philosophen Dionysos*. Nietzsche-Forschung, Band 54, Gebundenes Buch 30, 2007.
- KANT, I. *Religião nos limites da Simples Razão*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.
- KUHN, E. *Friedrich Nietzsches Philosophie des europäischen Nihilismus*. Monographien und Texte zur Nietzsche-Forschung, Band 25, Gebundenes Buch – 1., 1992.
- LANDIM, R. A. *Deus morreu: consequências para pensar a religião em Nietzsche*. 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

- LOTT, H. M. Marcel Gauchet e a saída contemporânea da religião. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 15, n. 46, abr./jun. 2017, p. 412-442.
- MAIA, A. G. B.; NICOLAU, M. F. A.; OLIVEIRA, R. A. de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. *Argumentos Revista de Filosofia*, Fortaleza, ano 10, n. 19, jan./jun. 2018, p. 48-61.
- MARTINES, C. Ateísmo pós-moderno: análisis y crítica de sus argumentos. *Davarlogos*, v. 9, n. 2, set./2010, p. 195-205.
- MASSUH, V. *Nietzsche y el fin de la religion*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1985.
- MÜLLER-LAUTER, W. Nietzsches Lehre vom Willen zur Macht. *Nietzsche-Studien*, n. 3, 1974, p. 1-60.
- NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. W. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, F. W. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- NIETZSCHE, F. W. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NIETZSCHE, F. W. *Fragmentos póstumos*. Tradução de Oswaldo Giacóia. São Paulo: IFCH/ UNICAMP, 1996.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.
- NIETZSCHE, F. W. *O anticristo e ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia no espírito da música*. São Paulo: Abril, 1978.
- NIETZSCHE, F. W. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NOVAK, P. *The vision of Nietzsche*. Rockport: MA, 1996.
- ONFRAY, M. *In Defense of atheism: the case against Christianity, Judaism, and Islam*. Toronto: Viking Canada, 2007.
- ONFRAY, M. *Tratado de Ateologia: física da metafísica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SILVA, M. de O. *Por uma autópsia do sagrado: o anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche*. 2012. 225 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SOMMER, A. U. Inwiefern ist Ernährung ein philosophisches Problem? Ludwig Feuerbach und Friedrich Nietzsche als Relativierungsdenker. *Perspektiven der Philosophie*, v. 38, n. 1, 2012, p. 319-342.

SOUZA, V. C. de. A coragem em André Comte-Sponville e Paul Tillich. *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, v. 8, n. 15, jun./2019, p. 134-140.

STACK. G. J. *Lange and Nietzsche*. Berlin; New York: De Gruyter, 1983.

TEZA, R. de S. Nietzsche e ateísmo científico. *Revista Humanidades em Diálogo*, São Paulo, n. 6, out./2014, p. 117-130.

Sobre o autor

Wesley de Jesus Barbosa

Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e em Psicologia (PPGP-UFF).

Recebido: 03/03/2024
Aprovado: 01/04/2024

Received: 03/03/2024
Approved: 01/04/2024